

A FÁBRICA
DA
VISTA ALEGRE



APÊNDICE AO LIVRO
DO SEU CENTENÁRIO

1824-1924

A FÁBRICA
DA VISTA ALEGRE

bibRiA
CATÁLOGO
DA EXPOSIÇÃO

1824-1924

bibRIA

A FÁBRICA
DA
VISTA ALEGRE



CATÁLOGO
DA EXPOSIÇÃO
1824-1924

bibRIA

PREFÁCIO

Exposição comemorativa do 1.º centenário da Fábrica da Vista Alegre

Se à chamada arte pura não pode ser indiferente o ambiente físico, as artes decorativas ou aplicadas essas estão em inteira conexão com êle, ou melhor, na sua mais absoluta dependência.

Na península, por exemplo, a arte do ferro é uma arte das regiões do sul, enquanto que a dos entalhadores o é das regiões do norte. Onde a madeira abunda aquêle minério só é utilizado nas coisas em que esta o não pode substituir, e conseqüentemente o seu aproveitamento artístico e decorativo é muito secundário. Por isso as *rejas*, para só falar desta modalidade artística, são mais abundantes no sul da península do que no norte e quando as encontramos, por exemplo, na Galiza, onde são aliás raríssimas, são produtos de importação e não filhas da indústria local.

Com barros finíssimos, Portugal é, por essas e outras razões, como a das qualidades pictóricas da nossa raça, um país de ceramistas. Apesar, porém, disso e de ter sido devido a nós que a porcelana teve a sua maior difusão na Europa, é só depois de 1832 que ela começou

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

a ser verdadeiramente manufacturada no país. É que tendo as tentativas de Bartolomeu da Costa, Vandeli e Manso Pereira (êste no Brasil), revestido sempre um carácter um pouco especulativo, sem verdadeiro seguimento prático, pode dizer-se que data realmente de então a descoberta de caolino entre nós. Achada nesse ano, pelo operário Capote (?), essa matéria preciosíssima em Vale Rico, a que ultimamente veio juntar-se um novo fundo encontrado junto de Leixões, o fabrico da porcelana generalizou-se e hoje a sua indústria, senão a sua arte, é corrente em Portugal. E isto é capital, porque o nosso operário tem assim ocasião de fazer com facilidade a sua aprendizagem técnica, sendo, sob êsse ponto de vista, cada manufactura, pelo menos, uma escola de preparação para êsse fabrico.

É êste um dos grandes serviços que se deve à fábrica da Vista Alegre, pois é provável que, sem a sua fundação, em 1824, a descoberta dos jazigos de caolino fôsse muito mais tardia. A existência da manufactura na região e a procura de aperfeiçoamento do seu fabrico, limitado de começo ao vidro e à faiança, constituem factores que não podem esquecer-se na eventualidade do facto.

Se não fomos nós que introduzimos a porcelana na Europa com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, pois já anteriormente aquêlê produto era conhecido no Ocidente, pelo menos desde 1448 (ver os trabalhos de Valet de Viriville e de Davillier), foi contudo essa descoberta que, tornando mais fácil o seu transporte, a vulgarizou em Portugal e nos demais países europeus. E nesse ponto tem de rectificar-se a afirmação de escritores estrangeiros, aliás *documentados, como Cordier, que, negando-nos qualidades de comerciantes, dizem que a verdadeira difusão

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

da porcelana se deve aos holandeses, que nesse, como em outros campos, teriam sabido, melhor do que nós, utilizar as vantagens das nossas descobertas. A verdade é inteiramente outra, como o mostra, por exemplo, Havard, quando regista o grande comércio que os portugueses fizeram, em França, das porcelanas, lacas e outros produtos, no fim do século xvi, comércio que se mantém em pleno séc. xvii, como se conclui dos versos do Sieur de la Boissère, em 1646, e dos mais famosos que, sobre o assunto, escreveu, no *Paris Burlesque*, Searron:

Menez-moi chez les Portugais
Nous y verrons, à peu de frais
Des marchandises de la Chine
Nous y verrons de l'ambre gris
De beaux ouvrages en vernis
Et de la porcelaine fine
De cette contrée divine
Ou plutôt de ce paradis.

Na península, Davillier regista um facto que deve ser ainda um eco dessa nossa actividade comercial: o da compra, em hasta pública, pelo português João Fernandes, em 1569, de duas grandes palanganas de porcelanas que faziam parte do espólio da Rainha Isabel de Valois, terceira mulher de Felippe II. E muito antes do presente do Cardeal-Rei ao Xerife, transcrito nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, e em que essas peças aparecem várias vezes, também já a Rainha de Portugal D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, mandava, em 1504, a sua mãe a Rainha Isabel, a Católica, uma grande bacia de porcelana azul e branca (Davillier).

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Quem foram os primeiros mestres das faianças e porcelanas da Vista Alegre? A verdadeira resposta não foi, a nosso ver, ainda dada e tem um grande interesse porque só ela pode, em nosso entender, explicar coisas que, sem essa resposta, se não poderão compreender.

Há, é certo, uma peça de porcelana do início da laboração da fábrica (o sr. João Teodoro Ferreira Pinto Basto considera-a, e a meu ver com razão, anterior a 1835) que está assinada e é obra de um português, Fabre, e a mesma origem julgo que devem ter os frascos com pinturas inspirados no renascimento italiano, e, como tais, *abundantemente* pintados, no princípio falso e condenável que faz, das *faenças*, tudo menos peças de cerâmica, em que a matéria não deve nunca deixar de ter lugar primordial. Essas peças não contrariam porém a solução que julgamos dever ter o problema, porque a pasta dessas peças e até o carácter da sua decoração não briga e antes se coaduna com a nossa conclusão.

Fundada a fábrica em 1824, a sua exploração de início foi sobretudo a dos cristais, o que não surpreende, dada a grande moda d'esses na época e as ligações de família do fundador com a Inglaterra, pois sua esposa era filha de um côsul dessa nação no norte de Portugal. Apesar das tentativas anteriores feitas em outros países, como a Itália e a França, o cristal artificial é uma invenção inglesa do século XVIII, e embora o seu fabrico não revestisse aí nunca um alto carácter artístico, o tipo criado então na Inglaterra, o cristal talhado em facêtas, foi o modelo seguido por toda a parte, sendo imitado até muito tarde em todos os outros países.

Se a fábrica da Vista Alegre se entregou portanto em especial a essa produção, como se vê pelas peças expostas, que ombream com o que de melhor então se fazia, a nova manufactura não pôs porém de parte o

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

fabrico que tão grandes e nobres tradições tinha no país: a cerâmica. E, conjuntamente com os cristais, surgem as primeiras peças daquela indústria. Ora essas peças, como as primeiras em que o caolino foi utilizado (vitrine II), têm um carácter tão tipicamente inglês, tanto pela sua forma como pela sua pasta, que a conclusão a que eu sou levado é esta: toda a faiança fabricada na Vista Alegre e o seu primeiro período de porcelana são de origem inglesa, ou antes realizados sob a direcção de mestres desse país. Basta examinar com atenção a totalidade do que contém o armário II para se ver que é essa a conclusão que se impõe. E digo a totalidade porque as próprias peças de Fabre lusitano, vindo para a fábrica da Casa Pia de Lisboa, e de-certo descendente do architecto do Palácio da Ajuda, estão ainda, e pelo menos quanto à pasta, a dentro desta conclusão.

E isto é racional. A arte do vidro é ainda uma arte da terra e, como tal, irmã gêmea da cerâmica, não sendo assim o esmalte que cobre esta última senão uma modalidade da vidraria. Ceramistas notáveis, como o francês François-Eugene Rousseau (1827-1891), e lembro especialmente este por ser da época de que nos ocupamos, tendo um lugar de destaque na história da faiança francesa, ocupou também um alto lugar na arte do vidro, que renovou, criando, antes de Gallé, um novo tipo sob a dupla influência do oriente e do ocidente medieval. Nada mais lógico portanto que os mestres ilustres que presidiram ao fabrico das peças de vidro, e em que não podemos deixar de destacar os cristais quasi opacos de tons arroxeados e azulados, obtidos com a adição de manganés e cobalto à pasta em grande quantidade, tenham sido igualmente os dirigentes das primeiras tentativas de cerâmica da Vista Alegre.

E, a nosso ver, essa intervenção ou não acaba com a vinda de

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Rousseau, em 1835, ou peças, como a admirável caneca policroma n.º 76 e a caneca n.º 71, bem como o serviço de chá que tem o n.º 54 e a coluna para candieiro n.º 78, têm de ser recuadas em data. O carácter da decoração dessas peças, aliás das melhores da exposição, e a sua pasta e vidrado, próximos parentes dos de Chelsea e dos de outras manufacturas inglesas, mostram bem que elas são alheias à influência de Rousseau, cuja maneira se afirma fundamentalmente diferente nas peças em que a sua intervenção é indiscutível, como no prato n.º 68, em que o seu desenho brutal e atarracado e os seus empastamentos excessivos são bem conformes com o que dêle nos revela a sua aguarela-guachada representando a chegada de José Ferreira Pinto Basto à Vista Alegre, em 1835. Quanto à decoração da coluna para candieiro, não nos repugna que seja obra de Primavera. Está bem a dentro da maneira d'este miniaturista, cujos desenhos e litografias do fundador e sua família, expostos no Museu, não podem deixar de ser considerados.

Foi vantajosa, ou não, a vinda de Rousseau e a nova orientação que êle trouxe ao fabrico da Vista Alegre? Dificil é dizê-lo. Rousseau, com grandes e indiscutíveis qualidades de pintor da especialidade, foi infelizmente também o importador entre nós das diversas correntes que são evidentes na evolução artística da manufactura, e que, em parte alguma, frutificaram como no seu país. Da Restauração até ao segundo Império, os artistas franceses, esquecidos dos princípios construtivos que são a base das manifestações artísticas ainda as mais acessórias, criaram uma espécie de segundo *barroco*, que nem tem sequer a atenuá-lo o que salva, até certo ponto, o primeiro: a harmonia dos seus elementos. Nesse período, os estilos de tôdas as épocas, mal compreendidos e interpretados, misturam-se sem lógica numa idea de falsa pompa, em que é

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

milagre ver ainda assim resistir por vezes o sentimento artístico, como sucede em muitas das peças da Vista Alegre.

Dito isto, que é fundamental, e que é tanto aplicável aqui como lá fora, pois o mal foi quasi geral e o que se deu entre nós não foi senão o reflexo do que se deu na quasi totalidade dos outros países, a exposição da Vista Alegre é uma afirmação de altíssimo valor. Têcnicamente, há peças que igualam o que de melhor se produziu na época, tal o caso dos seus *biscuits* que, sem a existência dos moldes que para elles foram feitos, passariam por excelentes produtos de Sèvres. Referimo-nos, é claro, aos dois grupos maiores: «Le larcin de la rose» e «Couvée d'amours» (?). E, artisticamente, muitas das peças nada têm também a invejar ao que nos deixaram as mais celebradas manufacturas.

A concorrência às salas em que os cristais e porcelanas estão expostos tem sido extraordinária, e a maioria não faz a visita por simples recreio, mas na idea de colher o ensinamento que a exposição oferece.

Como director do Museu, não posso deixar de registar o facto, pois é elle um dos sintomas, e excelente, de que a educação artística do nosso público se vai fazendo. O que é preciso é saber ir até elle, interessando-o e atraindo-o; e para isso há só um processo: tornar a lição o mais grata possível. Problema êste de solução segura, desde que haja uma boa escolha de objectos a expor e a sua condigna apresentação. O que corresponde, no dizer do clássico, «a fazer amar o que se quer fazer compreender».

JOSÉ DE FIGUEIREDO.